



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

KÁTIA GOMES PAIXÃO

**DESAFIOS DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE SUA
TRAJETÓRIA FORMATIVA**

KÁTIA GOMES PAIXÃO

**DESAFIOS DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE SUA
TRAJETÓRIA FORMATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Catiane Cinelli

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gomes Paixão, Katia.

DESAFIOS DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE SUA
TRAJETÓRIA FORMATIVA / Katia Gomes Paixão. - 2026.
29 f.

Orientador(a): Catiane Cinelli.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz, 2026.

1. Mulher Universitária. 2. Trabalho. 3. Trajetória
Formativa. I. Cinelli, Catiane. II. Título.

DESAFIOS DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE SUA TRAJETÓRIA FORMATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 15/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Catiane Cinelli
Universidade Federal do Maranhão

1º Examinadora: Profa. Dra. Rita Maria Gonçalves de Oliveira
Universidade Federal do Maranhão

2º Examinadora: Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pela oportunidade de poder estar realizando um grande sonho, pelos momentos de alegria e tristeza, pois esteve sempre presente neste processo me dando forças para não desistir da caminhada.

Gratidão à minha orientadora e professora Dra. Catiane Cinelli que esteve presente desde o início da construção deste trabalho, ao qual iniciamos na disciplina Estudo Diversificado I, agradeço pelo seu carinho e o empenho, pois nunca mediu esforços para contribuir com os seus ensinamentos, a paciência e o carinho com que fui tratada durante todo este processo, e por ter confiado a mim este trabalho feito com esforço e dedicação.

Gratidão ao meu esposo e companheiro, Douglas de Souza Silveira, que foi o meu maior incentivador durante toda a minha caminhada, agradeço a paciência e o amor que sempre me tratou, pois nos dias mais difíceis esteve sempre ao meu lado, e está realizando este sonho não seria possível sem o seu apoio.

Gratidão a vida do meu filho Stelio Paixão Lobato, que é, e sempre será a minha maior inspiração, grata pelo amor e carinho, e por acreditar em mim mesmo com todas as minhas falhas.

Gratidão à minha mamãe, Sonia Maria Gomes Paixão, ao meu papai, Raimundo Dias Paixão, que sempre me deram forças e me fizeram acreditar que tudo valeria a pena, pois sempre foram as pessoas que mais desejaram me ver realizando este sonho.

Gratidão às minhas irmãs Sheila Patrícia, Alessandra Gomes e Neila Gomes, grata pelo amor e carinho que recebi durante toda minha caminhada.

Gratidão às minhas amigas que Deus me deu de presente, Maria Iasmim Paiva Matos, Danyelly Rocha Santos, Thaynara Alves Santos, Layla Cristine Leal Nascimento, Hiolanda Ramos da Silva e Valéria Neres Leal, pois foram elas quem mais me ajudaram durante todo o meu processo de aprendizagem, grata pelo carinho, paciência e companheirismo.

Minha gratidão a banca examinadora composta pela professora Dra. Rita Maria Gonçalves de Oliveira, professora Dra. Herli de Sousa Carvalho e professora Dra. Catiane Cinelli, grata por aceitar o convite para banca, e por contribuir com o meu processo de aprendizagem durante a minha trajetória na Universidade.

Minha eterna gratidão ao professor José Batista de Oliveira que fez parte desta trajetória com seus ensinamentos, conselhos e carinho, que levarei tanto para a vida pessoal como profissional.

Gratidão aos professores e professoras do Curso de Pedagogia da UFMA, a coordenação gestão, grata pelo apoio, compreensão e carinho com que tratam as universitárias. E por fim, gratidão a toda a comissão organizadora do evento SENAPEI (Seminário Nacional de Práticas

Escritas Interdisciplinares), evento ao qual tive a oportunidade de participar submeter meu trabalho, que foi aceito e aprovado, hoje sendo utilizado como o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCIM	Centro de Ciências de Imperatriz
EJA	Educação de Jovens e Adultos
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MA	Maranhão
SENAPEI	Seminário Nacional de Práticas e Escritas Interdisciplinares
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO CAMINHO METODOLÓGICO	12
3 A CONDIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA ACERCA DAS OPRESSÕES E RESISTTÊNCIAS	14
4 DA INFÂNCIA CAMPONESA À UNIVERSIDADE: reflexões a partir da trajetória como mulher trabalhadora, estudante e educadora em formação	17
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE OS DESAFIOS, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXOS.....	30

DESAFIOS DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE SUA TRAJETÓRIA FORMATIVA¹

RESUMO

No presente trabalho buscamos compreender como mulheres mães, donas de casa, trabalhadoras e estudantes conseguem conciliar atividades domésticas, cuidado com a família, trabalho remunerado e estudos na Educação Superior. Busca-se compreender os desafios enfrentados por essas mulheres e de que forma essas experiências influenciam suas trajetórias formativas, a construção da identidade feminina e o desenvolvimento pessoal no contexto universitário. A questão central da pesquisa é: como mulheres que conciliam trabalho, estudo e responsabilidades familiares enfrentam os desafios da Educação Superior e constroem estratégias de permanência e resistência? A pesquisa está inserida no campo das narrativas autobiográficas, valorizando a memória, a experiência e o olhar reflexivo da autora sobre sua vivência enquanto estudante trabalhadora. Parte-se da compreensão de que a dupla jornada de trabalho e estudo representa não apenas um desafio à formação acadêmica feminina, mas também um espaço de resistência, aprendizagem e emancipação. Este estudo visa contribuir para o debate sobre gênero, educação e equidade, evidenciando como trajetórias individuais revelam dimensões sociais e culturais mais amplas que atravessam a experiência das mulheres universitárias. Compreender este processo nos traz reflexões que reforçam a determinação feminina em lutar pelo seu espaço mesmo com as desigualdades enfrentadas na sociedade, transformando sofrimento e dificuldades em história de força e superação, partindo da trajetória da própria autora desde a educação infantil a educação superior.

Palavras-chave: Mulher universitária; Trabalho; Trajetória formativa.

ABSTRACT

This study seeks to understand how women who are mothers, homemakers, workers, and students manage to reconcile domestic activities, family care, paid work, and higher education studies. The research aims to analyze the challenges faced by these women and to understand how such experiences influence their educational trajectories, the construction of female identity, and personal development within the university context. The central research question is: how do women who balance work, study, and family responsibilities confront the challenges of higher education and develop strategies of permanence and resistance? The study is grounded in the field of autobiographical narratives, valuing memory, lived experience, and the author's reflective perspective on her own experience as a working student. It is based on the understanding that the double workload of work and study represents not only a challenge to women's academic formation but also a space of resistance, learning, and emancipation. This research aims to contribute to the debate on gender, education, and equity, highlighting how individual trajectories reveal broader social and cultural dimensions that shape the experiences of women in higher education.

Keywords: Female university students; Work; Educational trajectory.

¹ Inicialmente, o artigo apresentado no SENAPEI foi intitulado “Trabalho e Vida Acadêmica: Desafios da Mulher Universitária na Construção da Sua Trajetória Formativa”. Em atendimento à sugestão da banca examinadora, o título passou a ser “Desafios da Mulher Universitária na Construção da Sua Trajetória Formativa”. Além de todo o texto sofrer alterações a partir das orientações da banca.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a presença das mulheres nas universidades tem crescido significativamente, refletindo importantes avanços em relação à ocupação de espaços historicamente dominados por homens. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023), aproximadamente 57% das matrículas na Educação Superior no Brasil são de mulheres, evidenciando a consolidação de uma tendência de expansão contínua da participação feminina na educação formal.

Diante desse cenário, torna-se essencial discutir não apenas o acesso, mas também os desafios enfrentados pelas mulheres para permanecerem e se desenvolverem no ensino superior, considerando as múltiplas dimensões de suas trajetórias: acadêmica, pessoal, familiar e profissional. O objetivo deste estudo é compreender como mulheres universitárias conseguem conciliar os estudos com o trabalho, tanto dentro quanto fora de casa, e analisar os desafios enfrentados na construção de suas trajetórias formativas. Procuramos identificar fatores que dificultam ou favorecem essa conciliação, considerando aspectos sociais, econômicos, culturais e emocionais que atravessam a vida das estudantes trabalhadoras.

Cada trajetória é singular e marcada por experiências únicas de resistência e superação. No meu caso, sou Kátia Gomes Paixão, nasci em 27 de fevereiro de 1979, na cidade de Imperatriz, Maranhão, filha de lavradores, Mãe Sônia Maria Gomes Paixão, pai Raimundo Dias Paixão. Cresci no povoado Imbiral, no Estado do Tocantins, em uma família de quatro irmãos, três mulheres e um irmão falecido no ano de 2004 e, atualmente, sou casada, mãe de um filho Stelio Paixão Lobato e estudante do curso de Pedagogia no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Minha trajetória acadêmica reflete a constante necessidade de conciliar estudos, trabalho, responsabilidades domésticas e cuidado familiar. Desde a Educação Básica, enfrentei desafios significativos, como longas distâncias percorridas a pé, travessia de rios e lagos², interrupções nos estudos devido à necessidade de trabalhar e a ausência de infraestrutura escolar. Ao retornar à escola, cursei a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para concluir o Ensino Médio, enfrentando, ainda assim, limitações financeiras e estruturais.³

² Os lagos os quais destacam o texto eram lagos que se formavam em épocas de enchentes, assim, não haviam nomes específicos.

³ Todo esse 3º parágrafo faz parte da Apresentação reestruturada a partir da orientação da banca.

Essas experiências pessoais não apenas moldaram minha identidade resiliente, mas também se articulam com questões sociais mais amplas. Elas refletem as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres, especialmente aquelas do campo ou de famílias trabalhadoras, que, apesar de desafios estruturais e culturais, buscam se afirmar no espaço universitário.

Desde meu ingresso na Educação Básica fui desafiada pela realidade de um contexto social em que as mulheres de minha comunidade, especialmente as da classe trabalhadora, do campo, frequentemente são desencorajadas a buscar uma Educação Superior. Então, ainda muito criança, passei a sonhar apenas com a conclusão do Ensino Médio, pois “fazer uma faculdade” era algo de que quase ninguém ouvia falar e, quando falava, parecia que apenas as pessoas de uma boa condição financeira poderiam ter acesso a essa educação.

As narrativas autobiográficas, nesse sentido, possibilitam analisar tanto o micro a experiência individual quanto o macro as dimensões sociais, de gênero e econômicas que atravessam essas trajetórias tornando visíveis os processos de resistência, aprendizagem e construção da identidade feminina no contexto acadêmico.

2 AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS COMO CAMINHO METODOLÓGICO

O caminho aqui construído insere-se no campo das narrativas autobiográficas, compreendidas como uma abordagem qualitativa que reconhece a própria experiência da autora como fonte legítima de conhecimento. Nessa perspectiva, não se utiliza instrumentos formais de coleta de dados, uma vez que o que constitui o “dado” é o próprio processo de reconstrução da memória, das vivências e dos significados atribuídos à trajetória pessoal. Conforme afirma Passeggi, trata-se de uma investigação em que “o sujeito é, ao mesmo tempo, autor, narrador e personagem de sua própria história, produzindo conhecimento a partir da reflexão sobre o vivido” (Passeggi, 2011).

Trata-se, portanto, de um movimento reflexivo e interpretativo, no qual a autora revisita acontecimentos marcantes de sua história de vida, ressignificando-os à luz de referenciais teóricos que possibilitam uma leitura crítica do vivido. A narrativa autobiográfica, nesse sentido, não se limita ao relato descritivo de experiências individuais, mas promove uma articulação entre o singular e o coletivo, permitindo compreender como histórias pessoais são atravessadas por contextos sociais, culturais, econômicos e de gênero. Ao narrar a própria trajetória, a autora produz conhecimento situado, transformando experiências pessoais em material de análise acadêmica e social, conforme destaca Passeggi ao compreender a escrita de si como um dispositivo de formação e produção de sentidos (Passeggi, 2008).

Essa abordagem se fundamenta na ideia de que a experiência individual não é isolada, mas atravessada por dimensões sociais, culturais, históricas e estruturais mais amplas. A pesquisa assume caráter básico buscando produzir novos conhecimentos sobre a trajetória de mulheres universitárias que conciliam estudo e trabalho, sem pretensão imediata de aplicabilidade prática, mas com potencial de subsidiar políticas educacionais voltadas à permanência feminina na Educação Superior.

A Narrativa autobiográfica que compõe este estudo foi realizada a partir da reconstrução reflexiva da trajetória acadêmica e de vida da autora, organizada por meio de lembranças, registros pessoais e observações do cotidiano universitário. Esse movimento não se configura como coleta de dados, mas como processo de rememoração crítica, no qual a experiência vivida é ressignificada à luz da teoria. A escrita foi orientada por eixos temáticos emergentes da própria trajetória: (1) a conciliação entre trabalho e estudo; (2) os impactos emocionais e físicos dessa dupla jornada; (3) as estratégias de resistência e permanência na universidade; e (4) os aprendizados e as transformações decorrentes do percurso.

A narrativa autobiográfica permitiu articular vivências individuais com dimensões sociais mais amplas, destacando a importância da memória, da subjetividade e da experiência como elementos centrais na produção de conhecimento. Essa metodologia mostrou-se adequada para compreender fenômenos complexos como a permanência de mulheres trabalhadoras na universidade, evidenciando que narrar a si mesma é também uma forma de compreender o mundo, questionar desigualdades e afirmar práticas de emancipação.

A utilização da narrativa autobiográfica como caminho metodológico revela-se especialmente significativa quando se trata de investigar trajetórias de mulheres que, historicamente, enfrentam processos de silenciamento, invisibilização e marginalização. Ao assumir a própria experiência como fonte legítima de conhecimento, a pesquisa rompe com paradigmas tradicionais que desvalorizam saberes subjetivos e cotidianos e afirma a centralidade da voz feminina na produção de conhecimento científico.

Ao mesmo tempo, a escrita autobiográfica se constituiu como espaço de fortalecimento identitário. Ao transformar vivências em reflexão, pude reconhecer aprendizagens construídas ao longo dos anos e compreender como desafios se converteram em caminhos de resistência. Como afirma Freire (1996), a leitura crítica do mundo antecede a leitura da palavra; assim, narrar minha história significou ressignificar cada obstáculo enfrentado e reafirmar a educação como lugar de esperança e emancipação. A autobiografia, portanto, não apenas documenta um percurso, mas cria condições para produzir sentido sobre ele, possibilitando que novas compreensões emergjam sobre quem fui, me tornei e desejo ser.

Dessa forma, o uso da narrativa autobiográfica não responde apenas a uma escolha metodológica, mas também a um posicionamento político e ético. Ao colocar no centro da investigação a trajetória de uma mulher trabalhadora, camponesa e estudante, a pesquisa contribui para ampliar o repertório de histórias que compõem a produção acadêmica, reafirmando que a experiência feminina, especialmente a das mulheres das classes populares, também é ciência, também produz conhecimento, também transforma realidades.

Para fundamentar teoricamente a análise, realizou-se uma pesquisa bibliográfica abrangente, envolvendo livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais que discutem gênero, educação, desigualdades e emancipação. Entre os autores e autoras que dialogam com o estudo, destacam-se Simone de Beauvoir (1980), Joan Scott (1990), Guacira Louro (1997), Djamila Ribeiro (2017) e Paulo Freire (1996), entre outros. Também foram consultados dados secundários, como os relatórios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP, 2023), a fim de contextualizar a realidade do ensino superior brasileiro. As autoras contribuíram para pensar a minha trajetória de mulher trabalhadora estudante, por isso trago

algumas pontuações das mulheres na História para pensar que faço parte de uma trajetória coletiva das mulheres que é de opressão, mas também de resistência.

3 A CONDIÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA ACERCA DAS OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS

As autoras já anunciadas permitem compreender que historicamente, até meados do século XIX, a educação feminina no Brasil era voltada quase exclusivamente à formação moral e à preparação para o casamento e a vida doméstica. Louro (1997, p. 45) destaca que “os currículos voltados para as meninas reforçavam padrões de feminilidade e delimitavam claramente o espaço que lhes era permitido ocupar”, evidenciando como as barreiras educacionais às mulheres possuem raízes históricas profundas. Carvalho (2021) observa que a universalização da Educação Básica e a expansão das universidades representaram marcos para a inclusão feminina, ainda que as condições de permanência continuassem desiguais. A democratização do acesso à educação ocorreu de forma lenta e desigual entre diferentes classes sociais e regiões, revelando que o direito à educação esteve sempre atravessado por questões de gênero, raça e classe.

O movimento feminista desempenhou lugar fundamental na luta por equidade educacional. Louro (1997, p. 12) afirma que o feminismo é um “movimento político e social que questiona a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres e busca garantir a participação feminina em todos os espaços da vida pública e privada”. Ao longo das diferentes ondas do feminismo, ampliaram-se as discussões sobre direitos, sexualidade, trabalho, educação e diversidade cultural, fortalecendo a inclusão da perspectiva de gênero nas práticas educacionais. Segundo Saffioti (2004, p. 22), “a opressão das mulheres está enraizada nas estruturas do patriarcado e do capitalismo, que se sustentam mutuamente na manutenção da desigualdade social e de gênero”, evidenciando como essas relações históricas impactam diretamente a educação feminina.

Simone de Beauvoir (1980, p. 15) destaca que “não se nasce mulher, torna-se”, indicando que os papéis atribuídos às mulheres são fruto de uma construção social e cultural, e não de uma essência biológica. Joan Scott (1990) reforça essa perspectiva ao afirmar que o gênero deve ser analisado como uma construção histórica que organiza relações sociais, produzindo hierarquias e significados específicos para homens e mulheres. A compreensão do gênero como categoria de análise permite desnaturalizar desigualdades e revelar os mecanismos simbólicos que sustentam a subordinação feminina, inclusive no contexto educacional.

O apagamento histórico da contribuição feminina no conhecimento científico ainda persiste. Beauvoir (1980) denuncia que a mulher foi historicamente colocada como “o outro” em relação ao homem, sendo invisibilizada no registro histórico e acadêmico. A visibilidade crescente de mulheres pesquisadoras, educadoras e gestoras fortalece práticas pedagógicas que reconhecem e promovem equidade de gênero, consolidando a educação como espaço de transformação social e resistência às desigualdades.

A interseccionalidade, proposta inicialmente por Crenshaw (1989) e aprofundada por Ribeiro (2017) e Carneiro (2003) permite compreender como diferentes formas de opressão de gênero, raça, classe, orientação sexual e deficiência se articulam e produzem experiências distintas de desigualdade. Ribeiro (2017, p. 35) denomina essa situação de “injustiça silenciosa”, em que mulheres enfrentam múltiplas exigências e precisam provar continuamente sua capacidade. No contexto educacional mulheres negras, indígenas, camponesas ou em situação de vulnerabilidade socioeconômica enfrentam barreiras mais complexas, lidando simultaneamente com racismo, exclusão econômica, preconceito institucional e negação de direitos.

Portanto, o acesso das mulheres à Educação Superior representa uma conquista, mas sua permanência e valorização ainda enfrentam desafios significativos. A articulação entre experiências pessoais, práticas pedagógicas e referencial teórico evidencia que políticas educativas inclusivas e sensíveis às múltiplas realidades femininas são fundamentais para promover uma educação crítica, emancipadora e transformadora (Freire, 1996; Louro, 1997; Ribeiro, 2017; Molina; Jesus, 2019; Caldart, 2012). O fortalecimento da Educação do Campo, aliado à reflexão crítica sobre gênero e interseccionalidade, permite compreender como mulheres do campo e da cidade constroem trajetórias de resistência, protagonismo e autonomia no espaço acadêmico.

Paulo Freire (1996, p. 52) afirma que “a educação é um ato de liberdade, que deve possibilitar ao sujeito tornar-se protagonista de sua própria aprendizagem”. Essa perspectiva dialoga diretamente com a experiência de mulheres que conciliam estudo e trabalho, evidenciando a necessidade de políticas institucionais que reconheçam as múltiplas jornadas femininas e promovam condições de permanência. De acordo com Molina e Jesus (2019, p. 78), na Educação do Campo, “o saber nasce da vida cotidiana, das experiências e das relações humanas, valorizando a identidade e a cultura das populações rurais”, reforçando o caráter emancipador da educação.

A compreensão da condição feminina ao longo da História permite perceber que os avanços conquistados na educação são resultados de longos processos de luta, resistência e reinvenção social. A presença da mulher no espaço escolar e acadêmico não pode ser entendida

como algo natural ou espontâneo, mas como fruto de disputas políticas e de reivindicações que atravessaram séculos. Nesse percurso, a educação foi tanto um campo de exclusão quanto de possibilidade. Se, por um lado, reforçou desigualdades ao limitar a participação feminina, por outro, se tornou, gradualmente, ferramenta de emancipação e fortalecimento das identidades de gênero. Essa dualidade revela como as relações de poder operam na produção do conhecimento e na definição dos espaços que homens e mulheres “devem” ocupar, conforme destacam Scott (1990) e Saffioti (2004).

O trecho evidencia que o acesso da mulher à educação não é um processo natural, mas resultado de lutas históricas e sociais, atravessadas por desigualdades estruturais. Ao citar Scott (1990) e Saffioti (2004), reforça-se que as relações de gênero não se limitam à esfera pessoal, mas são construídas socialmente e condicionam quem ocupa certos espaços de poder e conhecimento. A educação, nesse contexto, funciona simultaneamente como mecanismo de exclusão ao reforçar papéis e limitações atribuídos às mulheres e como ferramenta de emancipação, permitindo a construção de identidades de gênero mais autônomas e críticas. O destaque dado aos autores legitima a análise histórica e sociológica da condição feminina, mostrando que a participação das mulheres no espaço acadêmico está profundamente ligada a disputas de poder e à necessidade de resistência social.

Apesar de todos os obstáculos, a história das mulheres também é marcada por potentes movimentos de resistência e produção de novos saberes. A ampliação do acesso ao Ensino Superior, sobretudo a partir das políticas de democratização implementadas nas últimas décadas, permitiu que mulheres antes excluídas chegassem à universidade.

Entretanto, como apontam Ribeiro (2017) e Louro (1997), o acesso não garante automaticamente condições de permanência. Muitas estudantes precisam enfrentar jornadas múltiplas, conciliar trabalho precário com estudo, lidar com a culpa e a pressão emocional e buscar estratégias para não desistir. A permanência, portanto, não é apenas uma questão de matrícula; é uma luta diária que exige políticas institucionais sensíveis às múltiplas realidades femininas.

Assim, ao refletir sobre a condição feminina na História e sobre minha própria trajetória, reafirmo que estar na universidade é um ato político. Cada página escrita, disciplina concluída, resistência cotidiana representa uma ruptura com séculos de exclusão.

Mulheres do campo, como eu por morar em uma pequena comunidade chamada Imbiral no Estado do Tocantins, povoado em que as famílias como a minha tinham como principal fonte de renda, a plantação de roça como o arroz, feijão e milho, e a pesca também que era muito utilizada na época principalmente pelos homens, e sem acesso a uma Educação de qualidade,

tendo que andar quilômetros diariamente para ter acesso a uma escola que carregam em suas histórias não apenas dificuldades, mas saberes ancestrais, força comunitária e uma profunda capacidade de reinventar caminhos. A educação crítica, emancipadora e comprometida com a justiça social, como defendem Molina e Jesus (2019) e Caldart (2012), é a chave para transformar essas experiências individuais em processos coletivos de transformação, contribuindo para uma sociedade em que a presença feminina na educação seja não apenas direito, mas também reconhecimento e valorização.

4 DA INFÂNCIA CAMPONESA À UNIVERSIDADE: reflexões a partir da trajetória como mulher trabalhadora, estudante e educadora em formação

A Educação do Campo constitui-se como um direito historicamente negado a populações que vivem e trabalham em territórios rurais, marcados por desigualdades sociais, econômicas e educacionais profundas. Durante muito tempo, o acesso à educação para sujeitos do campo esteve associado a propostas fragmentadas, precárias e descontextualizadas, que desconsideravam os modos de vida, os saberes e as necessidades específicas dessas populações. Conforme aponta Caldart (2004), a Educação do Campo surge como um projeto político e pedagógico construído a partir das lutas sociais, que busca garantir uma educação vinculada à realidade, à cultura e às condições de vida dos povos do campo.

Nesse contexto, estudar enquanto moradora do campo implica enfrentar desafios adicionais, como longas distâncias até as instituições de ensino, transporte precário, falta de infraestrutura adequada, escassez de recursos pedagógicos e, muitas vezes, a necessidade de conciliar o estudo com o trabalho agrícola, doméstico e o cuidado com a família. Para as mulheres do campo, essas dificuldades são ainda mais intensificadas, uma vez que sobre elas recai historicamente a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo e pelos cuidados, o que reforça desigualdades de gênero no acesso e na permanência nos espaços educacionais (ARROYO, 2012).

A educação, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como acesso à escola ou à universidade, mas como um processo que exige condições reais de permanência, reconhecimento e valorização das trajetórias dos sujeitos do campo. Arroyo (2014) destaca que as experiências educativas das populações camponesas revelam a necessidade de políticas públicas que considerem as múltiplas dimensões da vida desses sujeitos, articulando educação, trabalho, território, cultura e identidade. Ignorar essas especificidades significa reproduzir práticas excludentes que contribuem para a evasão escolar e o silenciamento de histórias como as das mulheres do campo.

Assim, refletir sobre a Educação do Campo no âmbito deste estudo é reconhecer que as trajetórias formativas de mulheres trabalhadoras, mães e estudantes são atravessadas por desigualdades estruturais que combinam gênero, classe social e território⁴.

A narrativa pessoal, como já foi destacada, constitui um recurso central, pois permite articular experiências individuais com dimensões sociais, econômicas e culturais, revelando de forma profunda questões relacionadas a gênero, desigualdade e estratégias de resistência. Ao transformar a experiência vivida em objeto de análise, a abordagem possibilita compreender como trajetórias singulares refletem contextos estruturais mais amplos, evidenciando a interseção entre vida pessoal, condições sociais e construção de identidade acadêmica.

Minha trajetória educativa iniciou-se na Educação Infantil (“prezinho”), em uma comunidade do campo, em um contexto marcado por precariedades estruturais e limitações de acesso à educação

No Ensino Fundamental, em razão do trabalho e de outras necessidades, precisei interromper meus estudos, os quais já haviam sido afetados por fatores como a precariedade da estrutura escolar. Essas interrupções comprometeram significativamente minha trajetória educacional. Ao retornar à escola, mesmo com prejuízos decorrentes do trabalho e da falta de tempo uma vez que precisei acelerar etapas do processo formativo, o sonho de concluir o Ensino Médio se fortaleceu. Nesse contexto, ingressei na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade destinada a pessoas que não concluíram a escolarização na idade considerada adequada, especialmente aquelas que permaneceram longos períodos afastadas da escola e necessitam acelerar o percurso educativo para finalizar o Ensino Médio.

Entretanto, nesse momento, a necessidade de contribuir para o sustento familiar, aliada à escassez de recursos financeiros e à falta de acesso a uma educação de qualidade, configurou-se como um obstáculo à concretização de meus objetivos. Ainda assim, o desejo de aprender sempre se mostrou mais forte do que as limitações impostas ao longo do caminho. Ressalta-se que tais dificuldades não se restringiam apenas às questões financeiras, mas também estavam relacionadas às condições sociais que atravessaram minha trajetória formativa.

Já na Educação Superior, essa realidade se intensificou. A necessidade de trabalhar para garantir a subsistência, somada à realização das atividades domésticas, estabeleceu uma rotina exaustiva, que frequentemente impactava minha saúde mental e emocional. Embora estivesse inserida em uma universidade acolhedora, com recursos institucionais que me incentivavam a permanecer no curso, a falta de tempo, o cansaço físico e o desgaste emocional muitas vezes me

⁴ Todos os parágrafos incluídos falam da educação no campo conforme solicitação da banca.

levaram a considerar a desistência. Contudo, a cada etapa concluída, minhas forças eram renovadas, à medida que o sonho de me formar e atuar como pedagoga se tornava cada vez mais próximo. Ademais, esses desafios possibilitaram aprendizagens significativas sobre resiliência, estratégias de sobrevivência e sobre o papel da educação como espaço de transformação pessoal e social.

Minha vida pessoal também moldou meu trajeto acadêmico. Crescer em um contexto camponês significou desenvolver habilidades práticas, como responsabilidade, gestão do tempo e capacidade de adaptação. O cotidiano da roça, o cuidado com animais, a participação nas tarefas familiares e a necessidade de superar limitações estruturais contribuíram para a formação de uma identidade resiliente, consciente das desigualdades e comprometida com a transformação social. Essas experiências dialogam diretamente com a Educação do Campo, que valoriza saberes, culturas e modos de vida camponeses (Molina; Jesus, 2019; Caldart, 2012).

A última frase evidencia como a trajetória pessoal da autora não é apenas uma experiência individual, mas se conecta com um campo teórico específico: a Educação do Campo. Ao valorizar saberes, culturas e modos de vida camponeses, a Educação do Campo reconhece a legitimidade de experiências cotidianas e práticas rurais como elementos de aprendizagem e formação. Nesse sentido, a vivência da autora na roça, com suas responsabilidades familiares e participação ativa no trabalho comunitário, não é apenas um contexto de superação de limitações estruturais, mas também uma fonte rica de conhecimento que dialoga com perspectivas pedagógicas críticas e emancipadoras. A conexão entre experiência pessoal e referencial teórico reforça que a identidade acadêmica construída pela autora é fruto de uma articulação entre prática de vida, resistência social e compreensão crítica da educação enquanto espaço de transformação.

O estágio supervisionado na Escola Paulo Freire no ano de 2025, em Imperatriz-MA, proporcionou vivências práticas que integraram teoria e ação. A observação direta e a intervenção pedagógica permitiram compreender, na prática, como a educação pode ser instrumento de transformação social. As experiências reforçaram a concepção de Freire (1996) de que ensinar é criar possibilidades para a produção de conhecimento e que a aprendizagem ocorre em comunhão, mediada pelo mundo, comunidade e relações humanas.

Além dos desafios acadêmicos, minha vida cotidiana exigiu desenvolvimento de estratégias para lidar com sobrecarga física e emocional, ausência de apoio institucional e limitações financeiras. Tive que aprender a organizar o tempo, priorizar atividades, lidar com frustrações e buscar apoio em redes informais de solidariedade. Cada etapa da minha trajetória educacional, do “prezinho” à universidade, foi marcada por aprendizados que reforçam o valor de políticas educacionais inclusivas, sensíveis às diferentes realidades femininas, especialmente

no contexto rural.

De modo que, a trajetória narrada, da menina do campo à estudante universitária, representa um movimento de libertação e transformação. O relato demonstra que a educação é simultaneamente direito, desafio e espaço de emancipação. Assim ao articular vivência pessoal e referencial teórico, promove-se reflexão crítica sobre gênero, educação e equidade, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis e inclusivas que considerem as múltiplas realidades das estudantes trabalhadoras.⁵

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE OS DESAFIOS, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

As mulheres universitárias enfrentam barreiras adicionais que impactam diretamente seu desempenho acadêmico. Dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2023) apontam que 63% das mulheres relatam falta de tempo, 58% enfrentam cansaço físico e mental, 42% dificuldades financeiras e 37% ausência de apoio institucional. Louro (1997) destaca que as estruturas sociais ainda atribuem às mulheres a responsabilidade pelos cuidados domésticos e familiares, impondo uma carga que limita o tempo disponível para a formação acadêmica. A pesquisa autobiográfica permite, como sugere Josso (2004), articular experiência pessoal com análise crítica, transformando vivências individuais em conhecimento coletivo sobre gênero, educação e desigualdades sociais.

A relevância deste trabalho, então, não está apenas no fato de ser um estudo sobre desafios enfrentados por mulheres na Educação Superior, mas também na oportunidade de visibilizar experiências como a minha, que refletem desigualdades históricas e sociais profundamente enraizadas. Ao longo da minha trajetória, percebi que as dificuldades que enfrento não são isoladas ou pessoais. Elas são coletivas e atingem muitas outras mulheres, principalmente aquelas que pertencem às classes populares, moradoras do campo ou em situação de vulnerabilidade social. Essas mulheres invisibilizadas, cujas trajetórias são muitas vezes silenciadas ou desconsideradas pela sociedade, suportam uma carga de desigualdade que atravessa suas vidas de maneira interseccional, tocando em aspectos de gênero, classe social, território e de raça.

A pesquisa visa não apenas analisar as dificuldades enfrentadas por mulheres que conciliam trabalho e estudos, mas também compreender as estratégias de resistência que essas mulheres

⁵ Destaco que as datas específicas não foram expostas devido serem antigas as quais acabaram sendo esquecidas, sendo narrados apenas os acontecimentos.

constroem ao longo de suas jornadas. Em minha própria trajetória, aprendi que as adversidades não são apenas fontes de sofrimento, mas também de superação. Ao compartilhar minhas experiências neste trabalho, busco transformar minha própria história em um espaço de reflexão crítica, em que o sofrimento e as dificuldades se tornam instrumentos para o desenvolvimento de novos entendimentos sobre a permanência e o sucesso na Educação Superior. Ao analisar essas trajetórias, percebo que garantir o acesso e a permanência das mulheres na Educação Superior, especialmente aquelas que, como eu, precisam de condições que vão além do acesso, incluindo a criação de ambientes acolhedores e inclusivos.

Por isso a relevância deste trabalho em dar visibilidade a essas histórias, como a minha, e mostrar que essas experiências não são exceções, mas parte de uma realidade estrutural que precisa ser transformada. Para isso, é necessário um compromisso com a equidade e a construção de políticas que atendam às necessidades específicas dessas mulheres, reconhecendo suas dificuldades emocionais, psicológicas, sociais e financeiras. Este estudo contribui para o debate sobre a necessidade de ambientes acadêmicos inclusivos, que não apenas acolham, mas também respeitem as múltiplas identidades e experiências das mulheres universitárias.⁶

Ao transformar minha experiência pessoal em um objeto de reflexão crítica, desejo contribuir para a criação de uma Educação Superior mais justa, acolhedora e transformadora, que reconheça a pluralidade das trajetórias femininas e suas especificidades. Ao revisitar minha trajetória, percebo que cada fase da minha vida contribuiu de forma única para minha formação como mulher, trabalhadora e estudante. No Ensino Fundamental, precisei interromper os estudos devido ao trabalho e à falta de estrutura escolar, o que atrasou significativamente minha formação. Quando retomei, ainda prejudicada pelo tempo limitado e pelas exigências do trabalho, optei por cursar a Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade destinada a pessoas que não concluíram o ensino na idade adequada e precisam acelerar sua formação. Mesmo diante da necessidade de sustentar a casa e da ausência de recursos, o desejo de aprender se manteve mais forte que os obstáculos, revelando a força de vontade e resiliência construídas ao longo do tempo.

Na Educação Superior, os desafios se intensificaram. A conciliação entre trabalho remunerado, tarefas domésticas e estudos gerou um ciclo exaustivo que frequentemente afetava minha saúde física e emocional. Embora a universidade oferecesse acolhimento e alguns recursos motivadores, a falta de tempo e o cansaço mental e físico levaram-me, por diversas vezes, a considerar a desistência. Entretanto, cada etapa concluída fortalecia minha percepção de que o sonho de me tornar pedagoga se aproximava, reforçando aprendizados sobre resiliência,

⁶ Pertencia a apresentação construída para a defesa e incorporada ao texto por indicação da banca.

estratégias de sobrevivência e o potencial transformador da educação na vida pessoal e social.

O relato autobiográfico evidencia que os desafios enfrentados por mulheres universitárias não são isolados, mas estruturais. Mulheres negras, pobres ou do campo lidam com múltiplas formas de opressão, como ressaltam Crenshaw (1989), Ribeiro (2017) e Carneiro (2003), mostrando como gênero, classe, raça e território se sobrepõem e potencializam desigualdades. Em minha trajetória, ser mulher camponesa, com recursos limitados e sem acesso a um ensino de qualidade, implicou enfrentar expectativas sociais rígidas, cobranças constantes e a necessidade de provar continuamente minha capacidade algo que Ribeiro (2017) denomina “injustiça silenciosa”.

Outro resultado evidente da narrativa é a necessidade de desenvolver estratégias adaptativas e de organização diante de uma rotina sobrecarregada. Desde estudar à luz de velas até revisar conteúdos nos intervalos do trabalho, aprendi que persistência, disciplina e criatividade são essenciais para transformar dificuldades em oportunidades de aprendizagem. Esse processo reflete a perspectiva de Freire (1996), que destaca a capacidade humana de reinvenção como característica de sujeitos que lutam pela autonomia.

A dimensão emocional também se destacou como aspecto central da permanência. O desgaste físico e mental, a sensação de culpa por não conseguir atender a todas as demandas e o enfrentamento da sobrecarga revelam a persistência de valores patriarcais, conforme argumenta Saffioti (2004). Ao mesmo tempo, percebi a importância de redes de apoio: familiares, colegas e amigos contribuíram de diferentes formas para minha trajetória, evidenciando que a aprendizagem é sempre um ato coletivo, realizado “com” o outro (Freire, 1996).

Um episódio marcante foi a necessidade de interromper o curso por dois anos e meio, experiência dolorosa, mas profundamente formativa. Esse período permitiu compreender, à luz da interseccionalidade, como diferentes eixos de desigualdade gênero, classe e território atravessam e limitam a permanência de mulheres na universidade. Essa reflexão ampliou meu olhar sobre minhas vivências e sobre as trajetórias de outras mulheres que enfrentam desafios semelhantes.

A análise das experiências revela que muitas dificuldades enfrentadas por mulheres universitárias não são individuais, mas estruturais. A falta de tempo, o cansaço físico e emocional e a ausência de apoio institucional, evidenciados pelos dados do INEP (2023), reforçam o que Louro (1997, p. 88) argumenta: “As desigualdades de gênero na educação não se restringem ao acesso, mas se manifestam intensamente nos processos de permanência e formação”. Assim, a permanência feminina na Educação Superior exige resistência, estratégias de adaptação e políticas públicas que promovam equidade e acolhimento. Além disso, a relação entre teoria e

prática se mostrou fundamental. Muitas vezes, conceitos estudados em disciplinas apenas ganharam significado ao serem confrontados com a realidade vivida, reforçando a perspectiva freireana de que o conhecimento emerge do diálogo entre ação e reflexão. Por meio da autobiografia, apropriei-me criticamente da teoria e compreendi que minha história, embora individual, é atravessada por questões sociais amplas.

O autoconhecimento também se revelou essencial para a permanência. A reflexão autobiográfica possibilitou reconhecer fragilidades, potencialidades e significados atribuídos às experiências, permitindo ressignificar minha trajetória e reafirmar a educação como instrumento de emancipação (Josso, 2004; Delory-Momberger, 2008; Freire, 1996).

Em síntese, os resultados evidenciam que minha trajetória é marcada por desafios, resistência e aprendizagens contínuas. A permanência na Educação Superior não se limita ao desempenho acadêmico, mas envolve competências emocionais, organizacionais, sociais e políticas. Cada dificuldade enfrentada fortaleceu meu protagonismo, ampliando a compreensão sobre o papel transformador da educação na vida das mulheres e destacando a necessidade de ambientes acadêmicos inclusivos, políticas de apoio e valorização da diversidade de trajetórias femininas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo central deste texto: analisar os desafios vivenciados por mulheres que conciliam trabalho e estudos no ensino superior, buscando compreender como essas experiências influenciam suas trajetórias formativas, percebo que a reflexão sobre minha trajetória permitiu evidenciar como essas experiências individuais dialogam com estruturas sociais mais amplas relacionadas ao gênero, à classe social e ao território. Minha história não se limita a vivências particulares, mas representa um ponto de partida para compreender dinâmicas que atravessam a vida de inúmeras mulheres brasileiras.

Muitas de nós, especialmente mulheres do campo e de classes populares, experimentamos processos semelhantes de invisibilização, sobrecarga e resistência. A dificuldade de acesso à escola, a necessidade de participar do trabalho doméstico desde cedo, a naturalização da responsabilidade pelos cuidados familiares e a cobrança constante por desempenho são expressões contemporâneas de estruturas patriarcais profundamente enraizadas. A interseccionalidade possibilita compreender como essas opressões não se manifestam isoladamente, mas se entrecruzam, produzindo efeitos específicos nas trajetórias de mulheres negras, pobres, rurais e periféricas.

A educação torna-se um projeto coletivo e político capaz de transformar vidas e questionar as estruturas que historicamente restringiram o protagonismo das mulheres. A valorização de metodologias que incluam a experiência, como as narrativas autobiográficas, reforça a necessidade de dar voz a trajetórias que, por muito tempo, foram silenciadas. Contar nossas histórias é uma forma de romper com a invisibilidade, reafirmar nossa humanidade e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento crítico sobre o mundo que habitamos. Como afirma Freire (1996), a educação só cumpre sua função libertadora quando reconhece o sujeito em sua totalidade, cultura, memória, afetos e lutas.

Ao olhar para minha trajetória, percebo que cada passo dado no caminho da educação foi, ao mesmo tempo, uma conquista e um ato de resistência. Desde os primeiros anos de escola no campo, caminhando longas distâncias e enfrentando precariedades estruturais, até a chegada ao Ensino Médio e à universidade, vivi experiências que desafiaram meus limites físicos, emocionais e sociais. Embora muitas dessas situações tenham sido dolorosas, se constituíram como sementes de coragem, força e aprendizado. Compreendo que não foi apenas a educação formal que me moldou, mas a própria vida, que me ensinou a resiliência e o compromisso com meus sonhos.

A reflexão sobre minha história articulada às bases teóricas mobilizadas ao longo do

trabalho permitiu compreender que conciliar trabalho, estudo e responsabilidades familiares não é apenas uma questão de organização, mas de enfrentamento cotidiano das desigualdades de gênero. Ao revisitar minhas experiências, compreendi que a permanência feminina na Educação Superior envolve dimensões emocionais, sociais e estruturais que ultrapassam a simples dedicação aos estudos. Os desafios vividos me mostraram que cuidar da própria trajetória, reconhecer limites e buscar estratégias de resistência são atitudes fundamentais para seguir adiante, especialmente em contextos de múltiplas jornadas.

Compreender minha própria experiência à luz das reflexões teóricas possibilitou reconhecer que minhas vivências individuais revelam significados coletivos. Elas escancaram desigualdades históricas e estruturais que impactam tantas outras mulheres, ao mesmo tempo em que evidenciam nossa capacidade de superação, solidariedade e transformação. Cada obstáculo enfrentado fortaleceu minha identidade e ampliou minha percepção sobre a educação como instrumento de libertação.

Compartilhar minha trajetória, portanto, é também um gesto de reconhecimento das inúmeras mulheres que lutam diariamente para permanecer na universidade, equilibrando múltiplas responsabilidades e resistindo a estruturas sociais que nem sempre oferecem apoio. Minha história dialoga com tantas outras e revela que, apesar dos desafios, é possível criar caminhos de resistência e emancipação.

Concluo, assim, que esta narrativa, entendida como reflexão crítica autobiográfica, articulada ao referencial teórico, permitiu compreender que cada dificuldade vivida pode se transformar em força, aprendizado e consciência. A educação me possibilitou compreender o mundo, a mim mesma e as pessoas ao meu redor; mas, acima de tudo, ensinou-me que cada conquista, por menor que pareça, tem a potência de transformar vidas: a minha e a de todas aquelas que possam se reconhecer, se inspirar ou aprender com as experiências que eu vivi.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a permanência das mulheres no ensino superior não pode ser compreendida apenas como uma conquista individual, mas como resultado de disputas políticas, sociais e simbólicas que atravessam a história da educação no Brasil. As trajetórias femininas são marcadas por desigualdades persistentes que exigem políticas públicas comprometidas com a equidade de gênero, raça e classe. Programas de assistência estudantil, flexibilização de horários, políticas de permanência, creches universitárias e acolhimento institucional são medidas indispensáveis para garantir que mulheres trabalhadoras, mães e estudantes do campo consigam não apenas acessar, mas concluir sua formação acadêmica com dignidade. Sem essas ações estruturais, a responsabilidade pela permanência continua recaindo exclusivamente sobre os ombros das próprias mulheres, reforçando ciclos de sobrecarga e

culpabilização.

Além disso, a universidade precisa se reconhecer como um espaço que, historicamente, reproduziu exclusões, mas que também pode se constituir como território de transformação social. Ao valorizar saberes plurais e trajetórias diversas, a educação superior amplia suas possibilidades formativas e cumpre um papel social mais justo e democrático. As experiências das mulheres que conciliam trabalho, estudo e vida familiar produzem conhecimentos situados, profundamente enraizados na realidade social, que contribuem para uma compreensão mais ampla e crítica das desigualdades. Assim, incorporar essas vozes ao campo acadêmico não é apenas um gesto de inclusão, mas uma estratégia epistemológica que fortalece a produção do conhecimento comprometido com a transformação social.

A escrita autobiográfica, nesse contexto, assume um papel central como prática pedagógica e política. Ao narrar a própria história, o sujeito rompe com a lógica da neutralidade científica e afirma sua existência como produtora de saber. Essa escolha metodológica desafia hierarquias tradicionais do conhecimento e evidencia que a experiência vivida é também fonte legítima de reflexão teórica. Ao revisitar minha trajetória, reconheço que narrar não é apenas lembrar, mas reinterpretar, ressignificar e politizar vivências que, muitas vezes, foram naturalizadas ou silenciadas. Dessa forma, a narrativa torna-se um exercício de consciência crítica, permitindo compreender como o pessoal e o coletivo se entrelaçam de maneira indissociável.

Outro aspecto relevante diz respeito ao impacto subjetivo dessas trajetórias na constituição da identidade feminina. As múltiplas jornadas, as renúncias e os desafios enfrentados ao longo do percurso educacional moldam não apenas a formação acadêmica, mas também a forma como as mulheres se percebem no mundo. A universidade, ao mesmo tempo em que pode ser um espaço de sofrimento e exaustão, também se apresenta como um lugar de fortalecimento, construção de autonomia e ampliação de horizontes. Reconhecer essa ambivalência é essencial para compreender que a resistência feminina não se dá apenas em grandes atos políticos, mas também na persistência cotidiana, na decisão de continuar, mesmo quando as condições são adversas.

Por fim, reafirmo que refletir sobre minha trajetória no ensino superior, articulada às discussões teóricas sobre gênero, trabalho e educação, possibilitou compreender que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres não são fruto de fragilidades individuais, mas de estruturas sociais desiguais que ainda persistem. Ao tornar visíveis essas experiências, este trabalho busca contribuir para o fortalecimento de debates que questionem tais desigualdades e promovam práticas educativas mais humanas, inclusivas e emancipadoras. Que esta narrativa

possa ecoar outras vozes, inspirar novas reflexões e reafirmar a educação como um direito, um instrumento de luta e uma possibilidade concreta de transformação social para todas as mulheres.

Dessa forma, reafirma-se a importância de compreender a educação como um processo contínuo de formação humana, que ultrapassa os limites da sala de aula e se constrói nas experiências cotidianas, nas relações sociais e nas lutas travadas ao longo da vida. Para as mulheres que conciliam trabalho e estudos, especialmente aquelas oriundas de contextos marcados por desigualdades sociais, a trajetória acadêmica é permeada por desafios que exigem não apenas esforço intelectual, mas também resistência emocional e política. Reconhecer essas dimensões é fundamental para romper com discursos meritocráticos que desconsideram as condições concretas em que essas trajetórias se desenvolvem.

Assim, ao finalizar este trabalho, compreendo que minha experiência no ensino superior não se encerra como um ponto final, mas como um processo em permanente construção. A formação acadêmica ampliou minha consciência crítica e fortaleceu meu compromisso com a luta por uma educação mais justa, inclusiva e sensível às diferenças. Que esta reflexão contribua para ampliar o olhar sobre as múltiplas realidades vivenciadas por mulheres estudantes e para reafirmar a necessidade de espaços educativos que acolham, respeitem e valorizem as diversas formas de existir, aprender e resistir.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CALDART, Roseli. **Educação do campo**: teoria e prática da ruralidade. São Paulo: Cortez, 2012.
- CARNEIRO, Maria Lúcia de Arruda. **Gênero, raça e desigualdades sociais**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Cortez, 2003.
- CARVALHO, Ana Paula. **Educação e inclusão feminina no Brasil**: trajetórias e desafios. São Paulo: Contexto, 2021.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na prática**: documentos para políticas públicas no Brasil. Tradução: Instituto Geledés – Portal Geledés. São Paulo, 1989.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Autobiografia e pesquisa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NOVAES, A. (org.). **A invenção das Ciências Humanas**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2023**: estatísticas e indicadores. Brasília: INEP, 2023.
- JOSSO, Marie-Christine (Sophie). **O trabalho autobiográfico na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e educação**: o que é, como se faz. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Maria das Graças de. **Educação do Campo**: saberes e práticas emancipadoras. Brasília: Liber Livro, 2019.
- PASSEGGI, M. C. A pesquisa em Ciências Humanas e a formação do professor. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, A. C. B. (orgs.). **(Auto)biografia: formação e práticas sociais**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2011.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativas autobiográficas**: escritas de si e formação. Natal: EDUFRN, 2011.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Pólen, 2017.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: SCOTT, Joan W. **Gênero e a política da história**. São Paulo: EDUNESP, 1990. p. 28–50.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO SENAPEI – SEMINÁRIO NACIONAL DE PRÁTICAS ESCRITAS INTERDISCIPLINARES

24/01/26, 22:27

even3.com.br/participante/impressao/_impressaocartadeaceite?code=1422600



O trabalho intitulado **TRABALHO E VIDA ACADÊMICA: DESAFIOS DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA CONSTRUÇÃO DE SUA TRAJETÓRIA FORMATIVA**, de autoria de **Katia Gomes Paixão** e **CATIANE CINELLI** foi aprovado na modalidade ARTIGO CIENTÍFICO, para apresentação no evento SENAPEI a ser realizado 26/11/2025.

IMPERATRIZ-MARANHÃO-BRASIL

{assinatura,comissao}

JOSÉ EDILMAR DE SOUSA - contatosenapei@gmail.com

Data do Aceite: 26/11/2025